

Benedito do Rosário da Vila do Riacho – Município de Aracruz. A banda mirim foi fundada por ela com os filhos dos componentes da Banda de Congo Adulto de São Benedito, tornando-se a banda mirim a principal rival da banda adulto. Desde então, isso foi motivo de conflitos entre Mariquinha e a liderança da banda de adultos, ainda mais porque sendo ela a organizadora do evento a banda mirim é privilegiada nas funções rituais, o que conseqüentemente atrai a atenção dos meios de comunicação. Segundo a antropóloga Patrícia Brandão, a “rivalidade entre grupos dançadores persiste enquanto característica essencial do Congado”⁹¹ (Brandão, 2003:30) (Foto: Hauley Valim, 2005).



No início da manhã do domingo, na Festa de Caboclo Bernardo, a Banda de Congo Adulto de São Benedito concentra-se na Casa do Congo, antes de sair em procissão em direção a pousada de Dona Mariquinha. A banda ajudará Dona Mariquinha nas recepções das bandas visitantes ao longo do dia (Foto: Hauley Valim, 2006).

Quando a vi pela primeira vez naquela manhã Mariquinha estava cercada de crianças da banda de congo mirim que a olhavam com fascinação. Enquanto se maquiava em uma

⁹¹ Dinâmica semelhante a que Brandão constatou no congado mineiro onde “cada irmandade organizava a festa de seu padroeiro (a). Os festejos atraíam novos associados e com isso novos provimentos financeiros, assim como maior prestígio para a confraria, que, com frequência, rivalizava com as demais. Vez por outra, a filiação de alguma pessoa ilustre servia para dar crédito às reivindicações da Irmandade (Brandão, 2003:59). Na Vila de Regência o fato da festa de Bernardo tomar maior importância que a de São Benedito gera disputa por espaços de visibilidade entre elas, uma representando o santo, o congo adulto, e outra o herói, o congo mirim.

penteadeira, cercada de prateleiras repletas de mantimentos, seu longo vestido⁹² recebia os últimos ajustes. Na véspera do dia festivo ela havia delegado aos funcionários e voluntários as atividades de suporte técnico para a festa e para a pousada. Nas versões anteriores fora ela que se ocupava em coordenar de perto não só os preparativos, mas também as atividades no momento da festa. Fiscalizava a arrumação das camas, a limpeza dos quartos, a qualidade dos bolos e pães produzidos na cozinha para os hóspedes, percorrendo toda a pousada de um lado ao outro, de um fogão ao outro, ajudando cortar os temperos, mexer o caldeirão, abaixar o fogo e atender no balcão. Sempre acompanhada de perto pelos funcionários ou voluntários responsáveis pelas atividades, que aparentavam não ter autonomia alguma.



Dona Mariquinha, de cetro e coroa⁹³, acompanhada da Princesa e de uma *neta*, conduz ritualmente a Folia de Reis da Barra para a *capelinha* de Caboclo Bernardo (Foto: Hauley Valim, 2007).

⁹² Era um traje cerimonial semelhante ao de debutantes, presente de um importante político da região.

⁹³ Dona Mariquinha foi “coroada” por uma turista que participa da Festa de Caboclo Bernardo todos os anos. No início da manhã ganhou de presente o cetro e a coroa que imediatamente passaram a compor o traje tradicional de Rainha das Bandas de Congo. É a continuum da invenção da tradição, conforme postulou Eric Hobsbawm (1984).

A prioridade da senhora de setenta e oito anos naquele dia passou a ser as funções de recepção e orientação ritual dos seus convidados como a *Rainha* das Bandas de Congo. “*Estou vestida para receber as bandas de congo, se eu convidei tenho que esperar meus convidados bonita*”, disse ela, caminhando vagarosamente acompanhada de seus *netos*. A *Rainha* da banda de congo é quem carrega a bandeira do padroeiro e vai à frente abrindo caminho para a procissão. Sua nobre responsabilidade reside no fato de tornar mais tempo visível a imagem do santo em sua performance.

Desde a versão 2006, Mariquinha passou a dedicar-se mais ao status de *Rainha* “das” *Bandas de Congo* presentes na festa, diferente das outras mulheres que são *Rainhas* somente das bandas que fazem parte. Conforme as bandas vão chegando de ônibus, uma após a outra, Mariquinha ritualmente cumprimenta os capitães, abraça as *Rainhas* e princesas e toca ligeiramente uma por uma as dançarinas. Logo após, com a banda de congo mirim, abre a procissão da banda recepcionada, que segue até a *capelinha* de Caboclo Bernardo onde serão prestadas as *homenagens*⁹⁴ religiosas ao herói do naufrágio.

Após as reverências na *capelinha* sentam-se os homens sobre os tambores em semicírculo e as mulheres *cantam e dançam* no centro, em algum lugar estrategicamente escolhido entre as outras bandas que se tocam no quintal da pousada. Quanto maior for o tempo dançado mais tempo o santo padroeiro da banda estará em destaque entre os outros. No entanto, diferente das outras *Rainhas*, ao invés de carregar a imagem religiosa impressa na bandeira e exaltada na dança, é na festa como um todo e especialmente na *capelinha* que Mariquinha torna visível a imagem de Caboclo Bernardo equiparando-o simbolicamente aos santos padroeiros das bandas de congo. Os santos padroeiros possuem bandas de congo em sua homenagem, relação similar está presente entre a banda de congo mirim e Caboclo Bernardo; possuem capelas ou igrejas dedicadas a eles, como possui o herói na pousada de Mariquinha; imagens representadas; e são alvo de homenagem ou reverências como acontece na festividade investigada.

2.3.2. A CAPELINHA

⁹⁴ O caráter de uma *homenagem* poderá ser constatado logo adiante na descrição da pré-dica de Dona Astrogilda na *capelinha* de Caboclo Bernardo.

A *capelinha* de Caboclo Bernardo foi construída por Dona Mariquinha no ano de 2003, o que gerou algumas controvérsias na vila. Durante a produção do vídeo documentário (Salles, 2005), Mariquinha foi argüida sobre as motivações que a levaram construir a *capelinha* e a colocar nela a imagem do herói. Justificou o fato afirmando que Bernardo era merecedor desta homenagem por ter realizado um esforço sobre-humano, ter salvado 128 náufragos no navio Imperial Marinheiro.

Antes de ser construída era improvisado na pousada um altar de madeira para servir aos rituais de homenagem aos santos padroeiros. Porém, dentro dele era colocada somente a imagem de São Benedito e a de Nossa Senhora de Aparecida (Reis, 2003:121). Um quadro pintado com busto do herói era posto pendurado de forma liminar na escora frontal do teto. Não só ali a imagem de Bernardo poderia ser observada, mas também no baluarte da banda de congo mirim.



No interior da *capelinha* de Caboclo Bernardo Dona Mariquinha posa para fotos junto com voluntários da festa (Foto: Hauley Valim, 2007).

A construção da *capelinha* significou uma mudança da disposição das formas religiosas ali presentes. Apesar de ser o padroeiro da maior parte das bandas de congo do Estado, São Benedito já não compõe ali o altar. Em cantoneiras, de um lado (esquerdo) está Santo Expedito, com seus paramentos militares, de outro, São Francisco de Assis. Em óleo sobre tela Bernardo, adornado de marinheiro, como é representada na maioria das vezes, ocupa o centro do altar. Logo acima, entre a imagem do herói e um crucifixo está a imagem de Nossa Senhora da Aparecida. Na nova configuração hagiográfica não só Caboclo Bernardo passou a compor o centro do altar, mas São Benedito já não faz parte da composição.

Assim sendo, investigar qual o sentido da *capelinha* para a Igreja Católica tornou-se importante e ninguém como a liderança leiga da comunidade para esclarecer esta questão. A entrevista aconteceu na sala da casa recém construída do casal *Caboclinho* e Luzinete. Sentamos no sofá diante do computador portátil e conversamos enquanto as fotos por mim selecionadas eram apresentadas. Ao ser colocada a questão da *capelinha* de Caboclo Bernardo rapidamente procuraram distinguir capela de igreja:

Capela é o seguinte: o padre vai uma vez no ano ou de seis em seis meses e não celebra o evangelho e a vida. Só celebra a fé aquela coisa assim... Fazer o pai nosso, Ave Marinha, Santa Maria, Creio em Deus Pai e Salve Rainha. Vamos fazer um terço... Aí coloca um tercinho ali pendurado, aí eles rezam o terço. Invés de fazer uma caminhada daquela que a gente fez eles fazem um terço daquilo. Então aquilo ali era capela. A chave geralmente ficava geralmente com uma pessoa escolhida pelo padre para tomar conta (Luzinete, Vila de Regência: 06/2007).

Segundo a descrição a principal característica de uma capela é a presença pouco constante dos profissionais religiosos, o que pode propiciar uma relativa autonomia da religiosidade local. No entanto, na vila a própria Igreja Católica pode ser caracterizada, segundo a descrição de Luzinete, a não ser pela introdução das devoções à vida e ao evangelho, caracterizadas pelos agentes leigos como característicos da religiosidade romanizada. No Brasil colônia a construção de capelas era um costume mais relacionado com os leigos que com a própria Igreja Católica, que geralmente “fechava os olhos à ereção de capelas por iniciativa da população, pois assim fazendo ela não se via obrigada a manter seus serviços religiosos, que ficavam por conta da população local” (Guttilla, 2006:47).

Para a liderança leiga não há problemas para a Igreja Católica o fato de Caboclo Bernardo possuir uma *capelinha* na vila. Porém, segundo Luzinete, ao observar a foto do interior da *capelinha* não concorda com a “mistura” da religião com o “folclore”, isto é, não concorda que Caboclo Bernardo seja colocado entre os santos, equiparando-os na espacialidade do sagrado.

Caboclo Bernardo que está lá de destaque... Que esta capela dela é mais em homenagem a Caboclo Bernardo. Eu acho... Eu não estou aqui para condenar e julgar ninguém, mas o meu modo de pensar eu acho que estes dois santos não deveriam estar ali, mesmo que seja uma capela. E sim o Caboclo Bernardo, só ele. Isso é uma homenagem a Caboclo Bernardo. Porque a capela é dele. Ela fez para ele. Então não precisaria de outros santos acompanhando Caboclo Bernardo. Porque é mais uma coisa folclórica (Luzinete, Vila de Regência: 06/2007).

No entanto, apesar de relacionar a expressão da *capelinha* com o “folclore”, que, neste sentido, difere de religião, seu esposo já possui uma percepção diferente do fenômeno:

Inspiração ela teve [Mariquinha]. Alguma coisa ela teve, porque uma pessoa só faz alguma coisa se tiver um objetivo, ou um sonho, alguma devoção. Ai a pessoa vai começando a se apegar ali a Caboclo Bernardo. É o que eu estou falando para você, daí que vira um santo (Caboclinho, Vila de Regência: 06/2007).

Apesar de terem sido os dois que conduziram o processo de romanização na vila, a relação que possuem com a expressão emergente não destoa da religiosidade local, pois está estreitamente vinculada à construção da identidade étnica, perspectiva da qual a liderança leiga também faz parte. *Caboclinho* ao relatar durante a entrevista a dinâmica local que poderia fazer de Bernardo um santo usou como parâmetro de comparação a canonização de Frei Galvão, que antes dos milagres era uma pessoa comum, mas com o tempo, segundo ele, “foi caindo na graça da fé do povo”, como está acontecendo com Caboclo Bernardo.

A *capelinha* não só é lugar para homenagear santos e heróis, mas também pessoas que possuam importância ritual na festividade. Dona Astrogilda, *Rainha* da banda de congo de São Benedito do Rosário, conforme de costume, proferiu uma longa pré-dica dentro da *capelinha* de Caboclo Bernardo exaltando o herói e a Dona Mariquinha, no ano de 2006.

“Hoje neste dia maravilho, mais um dia, décimo sétimo ano que fazemos este acompanhamento com a nossa grande guerreira dona Mariquinha, e aqui estamos, eu não estou bem de saúde, estou com febre, mas eu não podia deixar de vir ajudar a dona Marquinha minha grande guerreira. Eu tinha que vir ajudar e fazer também este lindo encontro de bandas de congo que aqui está com muitos trabalhos, que ela reuniu. Eu, como presidente da Banda de Congo de São Benedito do Rosário, sei o que é uma batalha, uma luta para a gente conseguir as coisas. Então, por isso que eu pedi tanto... – quem crê, crê, quem não crê não importa, eu não vou levar fé contra fé de cada um – eu pedi tanto a Nossa Senhora, eu pedi tanto a Caboclo Bernardo que fizesse com que eu melhorasse e levantasse a cabeça e para acompanhar meu grupo até aqui, e aqui estou, então antes de tudo vou querer uma salva de palma para Caboclo Bernardo [aplausos e toada de tambores] à Nossa Senhora, [aplausos e toada de tambores] agradecer porque estamos todos unidos. Uma salva de palmas também para minha grande festeira a dona Marquinha, que ela é uma grande guerreira, e seus componentes que estão aqui também ajudando ela trabalhar [aplausos e toada de tambores]. Agora eu gostaria de pedir a todos os meus folgadores de coração para fazermos uma pequeninha prece, como é o nosso costume de chegar e fazer. A fé remove montanhas e aqui estamos nós – de pé aqui também componentes que não estão bem de saúde, mas tá todo mundo erguido, todo mundo está com saúde aqui dentro, porque Deus é pai e São Benedito também e o Caboclo Bernardo ele fez uma grande obra para seus tripulantes e a onde ele estiver que Jesus dê iluminação e grau de luz para que possa socorrer aqueles que crêem por misericórdia” (Dona Astrogilda, Vila de Regência:06/2006).

Em uníssono fizeram as Orações do Pai Nosso e da Virgem Maria, e logo Astrogilda retomou a prédica.

Oferecemos Senhora esta oração de coração para aquele que foi um grande guerreiro, um grande tripulante que salvou muitas e muitas vidas e também partiu para o além, o caboclo/ o grande guerreiro caboclo Bernardo e também a nossa grande festeira que é a dona Mariquinha com seus componentes e todos seus congueiros e todo o povo para ajudar, se não, não existe festa. Uma salva de palmas também, com muito carinho e amor, para os fotógrafos que estão aqui filmando a gente. É com você capitão... (Dona Astrogilda, Vila de Regência:06/2006).

Mariquinha e Bernardo são tratados por ela como *grandes guerreiros*. Entretanto, qual a semelhança entre o herói e a festeira para que o mesmo adjetivo seja usado para ambos? Astrogilda destaca que sabe muito bem como é “*a batalha, a luta para a gente conseguir as coisas*”. Ela fala sobre as dificuldades que Mariquinha, como administradora da festa, e as outras bandas de congo encontram para dar manutenção às atividades dos grupos, como, por exemplo, conseguir transportes para as apresentações, conseguir apoio para as festas religiosas, materiais para a confecção dos instrumentos musicais e especialmente para fazer os uniformes das bandas, apesar do processo “*valorização da cultura popular*”. Estar uniformizado confere a banda prestígio e aspecto de tradicionalidade, significa ter sua importância reconhecida e ter o apoio necessário para a manutenção das atividades.

Ser vitoriosos na batalha significa receber o reconhecimento através dos apoios e nos espaços gerados na mídia, que por sua vez gerarão acesso a novos apoios. Este é o discurso que norteia as Reuniões dos Mestres de Congo, que acontecem nos encontros das bandas de congo, e corresponde tanto com o discurso dos líderes das bandas, quanto o dos representantes das comissões de folclore e secretarias de turismo e cultura do Estado⁹⁵.

Neste sentido, Mariquinha como a “*grande guerreira*” compõe o quadro dos “novos heróis” conforme Regina Rabello classificou aqueles que possuem visibilidade pública ao se empenharem em manter destacados os aspectos culturais da identidade cabocla (2004:128), como também é classificado Miúdo. A narrativa de Astrogilda é emblemática porque equipara Bernardo aos principais santos padroeiros da região. E a capela cria o ambiente propício e consagrado para que este tipo de iniciativa tenha maior efeito, devido o caráter simbólico de sua nomenclatura (*capelinha* de Caboclo Bernardo) e da disposição das formas religiosas no seu interior (a imagem do herói no centro do altar).

⁹⁵ Aspecto tratado no primeiro capítulo da dissertação.



Dona Mariquinha de *Rainha* das Bandas de Congo cercada dos principais símbolos da expressão da religiosidade local. Destacam-se, atrás dela, na imagem de Caboclo Bernardo na bandeira do Congo Mirim, e, ao seu lado, os tambores de congo, que marcam o compasso ritual na festividade. Com um vestido cerimonial Mariquinha posa para a capa de “*revista internacional*” em frente à sua casa, no 16º Festa de Caboclo Bernardo (Foto: Hauley Valim, 2006).

Nos rituais solenes durante a Festa de Caboclo Bernardo, Astrogilda e Mariquinha, como *Rainhas de congo*, são quem que de forma especial se associam aos símbolos e atribuem valores ao herói, aspectos do processo de institucionalização da festa e de Bernardo como uma figura imbuída de valores religiosos. O contexto confere a elas o status de sacerdotisas, no sentido de que sacerdote é aquele que “por excelência, agente da religião estabelecida, reproduz e pereniza um sistema de crenças e ritos sagrados, inserindo-os na rotina social, de modo que a religião se incorpore a cada membro dessa sociedade e torne-se um hábito que ninguém questione” (Teixeira, 2003:187). Porém, ao operarem os símbolos, além de religioso, o poder acumulado por elas é especialmente político, já que o campo político também está estruturado em símbolos que orientam a percepção e a expressão do mundo social (Bourdieu, 2005: 165).

Neste sentido, o campo de atuação política, principalmente de Mariquinha, não fica circunscrito ali. Através da presidência da “Associação Pró-desenvolvimento Cultural Caboclo Bernardo” (cujas atividades se reduzem às delas), ela monopoliza boa parte dos canais de acesso às instituições que patrocinam e veiculam as imagens da Festa de Caboclo Bernardo no cenário público. Principalmente a Petrobras e a Prefeitura Municipal de Linhares⁹⁶, instituições que garantirão as verbas e a infra-estrutura básica para a estruturação da festividade.

A dinâmica constituída pela operação dos símbolos e ritos, ação legitimada pelo reconhecimento da atividade realizada pela *Rainha* por parte dos religiosos, o que conseqüentemente possibilita a monopolização dos acessos aos capitais financeiros necessários para viabilizar as festividades, sintetiza o círculo básico da produção da crença nos benefícios de manter-se próximo a Caboclo Bernardo. Nesta dinâmica, tendo como ponto focal do sistema cultural centrado na figura de Bernardo, a identidade étnico-religiosa dos *caboclos* de Regência vai tomando forma e consagrando a matriz religiosa como forma alternativa da construção da identidade ao modelo ambientalista do Projeto Tamar. Esta dinâmica consagra não só Bernardo, mas os principais atores do complexo narrativo e ritual a ele vinculado, já que, segundo Pierre Bourdieu “o princípio da eficácia de todos os atos de consagração não é senão o próprio campo, lugar da energia social acumulada” (2002:25).

⁹⁶ A Estatal que fornece um carro com motorista para ela entregar em mãos todos os convites da festa para as bandas de congo e material para a fabricação dos instrumentos das bandas locais; e contribui se, por ventura, precise de algo mais com urgência. A verba destinada à festa é acordada às vésperas, sem que precise de orçamentos, aprovação de projetos, etc. A Prefeitura Municipal, por sua vez, providencia os gêneros alimentícios para o café da manhã e para o almoço das bandas de congo, o que ultrapassa na maioria das vezes mil e duzentas pessoas a serem alimentadas, como contraprestação de Mariquinha à participação delas na festividade.



Vestidos de marinheiros, a Banda de Congo Mirim Caboclo Bernardo abre o espaço ritual para as bandas prestarem homenagens a São Benedito, dentro da Igreja Católica. As imagens dos dois principais ícones de Regência se encontram ritualmente, no entanto é o herói que inspira a indumentária das crianças da vila (Foto: Hauley Valim, 2006).

O som dos tambores denuncia que a procissão já deixou a pousada de Mariquinha em direção à Igreja Católica localizada próxima à praça central. Ritualmente, a liderança leiga abre a igreja para completar o círculo ritual daquele dia festivo. As bandas de congo entram e principalmente São Benedito recebe suas homenagens, não antes da bandeira de Caboclo Bernardo, empunhada pela banda de congo mirim, abrir o espaço ritual.

A relação amistosa entre Dona Mariquinha e a liderança leiga da Igreja Católica é fruto do lugar consagrado que ela ocupa no universo ritual da vila. Sua posição de liderança e o caráter de tradição que a festa vem tomando fazem com que não seja necessária uma autorização

prévia para o uso da Igreja Católica nos ritos finais, apesar da relativa resistência por parte de alguns católicos, que reprovam a prática do congo dentro da igreja.

[Dona Mariquinha] não pedi não, porque já é um costume, tem tempo. Cara, isso aí eu tenho a maior briga com uma irmã. Ela usou uma expressão até forte, na reunião, que nossa igreja aqui está sendo como se fosse candomblé. Tava assim, abrindo para o pessoal ficar sambando dentro da Igreja. Deu o maior comentário isso aí. Mas como eu disse, se você for cortar tudo... Como vai se desenvolver a religião, como vai desenvolver a cultura. Quem sou eu para dizer não! Quem tem chegar a falar isso é o bispo, é o padre. Eu estou aqui é para servir. É porque foi questionado, o pessoal... O pessoal do congo... Bebida, eu estou com reclamação demais de bebida... “Olha o cara, está com uma latinha” (Caboclinho, Vila de Regência: 2007).

A principal bebida ingerida pelos congueiros é a cachaça⁹⁷, porém, no entanto, as queixas do grupo de católicos a respeito do uso indevido da igreja para “rituais profanos” se referem às latinhas de cerveja e a trajes inapropriados como o biquíni. Na festa a cerveja é consumida, sobretudo, pelos turistas, além de tudo portar trajes rituais é um dos aspectos inegociáveis para os membros da maioria das bandas de congo, logo quem está de forma “inapropriada” na igreja nos ritos solenes também não são os congueiros. No entanto, para a liderança leiga deveria ser papel de Dona Mariquinha orientar os congueiros sobre quais seriam as práticas apropriadas para aquele momento ritual.

Dona Mariquinha, como *Rainha* das bandas de congo, projeta-se no cenário público empunhando a bandeira com a imagem do herói impressa. Ela acumula, gerenciando a festa e a capela, poder e prestígio político que viabilizarão novos incrementos para as festividades, fazendo notória a identidade étnico-religiosa de um grupo que sofreu um dramático processo de invisibilização social implementado pela tutela ambientalista.

3.4 A COMPLEMENTARIDADE ENTRE A RAINHA E O GUARDIÃO

⁹⁷ Apesar de apreciada por muitos componentes das bandas de congo a cachaça é usada com muita discrição. Enquanto “portar” uma lata de cerveja em mãos é uma característica da gestualidade nas ocasiões festivas não religiosas.

Émile Durkheim em “Formas Elementares da Vida Religiosa” delineou muito do que seria pensado sobre a religião ao longo do desenvolvimento de um saber sociológico sobre este fenômeno. O intérprete de Durkheim, Raymond Aron, classificou o texto como “o mais importante” e o “mais original” da vasta produção do sociólogo (2002:297). Ao definir o fenômeno religioso Durkheim o dividiu em

“duas categorias fundamentais: as crenças e o rito. As primeiras são estados de opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados. Entre esses dois tipos de fatos há exatamente a diferença que separa o pensamento do movimento (Durkheim, 2000:19).

A relação entre crenças e práticas sociais inspirou, além de Durkheim, a outros muitos teóricos da religião, inclusive as reflexões de Clifford Geertz, que se preocupou principalmente em perceber como as crenças orientam as práticas sociais. Para a antropologia interpretativa de Geertz

É no ritual [...] que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas. É em alguma espécie de forma cerimonial [...] que as disposições e motivações induzidas pelos símbolos sagrados nos homens e as concepções gerais da ordem da existência que eles formulam para os homens se encontram e se reforçam umas às outras. Num ritual, o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas, tornando-se um mundo único e produzindo aquela transformação idiossincrática no sentido da realidade (Geertz, 1989:82).

Por isso a Festa de Caboclo Bernardo é o lugar mais indicado para observar as práticas sociais, pois ali é possível perceber os caros valores que constituem a identidade étnico-religiosa dos *caboclos* de Regência, atualizados nos ritos e sintetizados nos símbolos que se remetem ao ato heróico do Caboclo Bernardo. Contempla-se, neste sentido, conforme a proposta de Durkheim, a divisão do fenômeno religioso em mito e o rito quando pensadas as distintas ocupações dos dois personagens abordados neste capítulo.

Miúdo é reconhecido como o *Guardião* da alma de Caboclo Bernardo e dedica-se além das narrativas, que remontam o evento que fez de Bernardo herói, à guarda do busto e do cemitério que abriga o corpo do herói. Mariquinha, por sua vez, como *Rainha* das Bandas de

Congo, é a organizadora da Festa de Caboclo Bernardo, e quem construiu sua *capelinha*. Um se ocupa do mito e outro do rito. Atuam em perspectivas distintas e complementares. Assim está estabelecida a relação de complementaridade entre a *Rainha das bandas de congo* e o *Guardião da alma de Caboclo Bernardo*.

CONCLUSÃO

“Os símbolos instigam a ação social”

Victor Turner

A característica geomórfica mais marcante da Foz do Rio Doce, na interseção do rio com o mar, é a dinâmica, que assim não seria se não fosse a combinação de vários fatores. Cada grande ondulação que ali incide a praia vai tomando novos contornos, delineados pela ação conjunta dos ventos, das correntes marítimas e do contínuo volume d'águas despejados no mar pelo rio. O mesmo princípio aplica-se em relação à qualidade e o tipo de ondas que ali quebram. A ação do rio aplanar os bancos de areia, as ondulações originadas no sul atingem a bancada na direção correta, o vento nordeste deixa as ondas lisas, dinâmica que cria as condições propícias para que as ondas sejam longas e tubulares, o principal atrativo para os esportes radicais naquelas praias.

Ao propor analisar e descrever a construção da identidade étnico-religiosa na Vila de Regência Augusta, esta investigação encontrou vários fatores sócio-culturais dinâmicos, que combinados de forma processual forneceram os delineamentos da identidade dos *caboclos* de Regência. Desde então, foram observados os processos sociais através dos símbolos neles operacionalizados (Turner, 2006:121), aspectos que direcionaram minhas preocupações ao herói Caboclo Bernardo, que conforme a realidade empírica foi se revelando ele se apresentou como o paradigma central da construção da identidade étnico-religiosa dos *caboclos* de Regência.

A caracterização preliminar do campo, desenvolvida no primeiro capítulo, revelou o processo dramático das políticas energéticas e ambientais que incidiram sobre a população da vila. Sobretudo, a implementação de uma *visão de mundo* norteadas pelo modelo ambientalista do

Projeto Tamar, que reorientou rigorosamente os saberes e práticas desta população, principalmente em relação à proibição do consumo de carne e ovos de tartarugas. Ao analisar os dramas sociais constatei que acontecia concomitante e umbilicalmente ligado a eles uma reorganização social desde uma perspectiva religiosa, através da elaboração de “novos mitos, símbolos, paradigmas e estruturas políticas” (Turner, 2006: 76) conforme se institucionalizava a Festa de Caboclo Bernardo.

Evidenciou-se para mim, que conforme a tartaruga-marinha tornava-se a *espécie bandeira* da preservação do ecossistema local, o processo que a constituía projetava no cenário público a preservação do meio ambiente como a principal característica da identidade da vila. Em contrapartida ao modelo ambientalista, Caboclo Bernardo foi se constituindo, para usar a mesma metáfora, como o *personagem bandeira* do sistema sócio-cultural, delineando o conteúdo étnico da identidade dos *caboclos* de Regência, que por sua vez é construída em contraste, sobretudo, com as *pessoas de fora*, categoria que inclui principalmente os profissionais do meio ambiente, que fizeram da vila morada.

No segundo capítulo, a ênfase foi dada aos aspectos culturais, mais que os sociais, do processo de reorganização social em relação aos dramas vivenciados. Observando os ritos, as narrativas e os símbolos, buscando os sentidos que eles possuíam para os participantes da Festa de Caboclo Bernardo, foram se revelando variadas facetas étnicas do herói, que remontavam cada uma delas origens étnicas diferenciadas, atendendo as necessidades tácitas de cada grupo.

Ao descrever as versões cabocla, tupiniquim, botocuda, negra e homem-entidade de Bernardo – que corresponde cada versão a um grupo social – foi enfatizada a interação simbólica e étnica entre os grupos, principalmente na Festa de Caboclo Bernardo, e analisados foram os sentidos que através da fricção cultural entre estas versões imprimiam feições religiosas à versão local. É neste sentido que o herói Caboclo Bernardo vai sendo revestido de atribuições semelhante com aquelas que possuem os santos padroeiros das bandas de congo. Atribuições estas que estão sendo incorporada a versão reproduzida na vila, principalmente pelos atores que foram abordados no terceiro capítulo.

Verifiquei, contudo, que as verossimilhanças entre São Benedito, padroeiro da Vila de Regência, e o herói Caboclo Bernardo incrementa ainda mais os sentidos religiosos que o

último possui. Um estudo mais dedicado à estrutura religiosa da região poderia com facilidade aproximar a dinâmica de ascensão de Caboclo Bernardo aos altares religiosos àquela que substituiu Santa Maria Auxiliadora por São Benedito como padroeiro da vila, além daquela que na Vila do Riacho, através da continuidade geracional, vai substituindo Santo Expedito por Caboclo Sete Flechas, segundo a demanda da afirmação da identidade étnica destes grupos.

Caboclo Bernardo constitui-se hoje como um símbolo multivocal, cujas versões “cada qual passível de muitos significados, mas com os significados centrais ligados analogicamente aos problemas básicos da época” (Turner, 2006:06). Problemas que motivaram, desde os últimos anos do século XX, principalmente na América Latina, a emergência de novos atores no cenário político buscando reconhecimento e representatividade política através de formas alternativas de associação, representando “populações que anteriormente não tiveram acesso ao Estado, ou o tiveram de forma bastante limitada” (Vigevani, 2006:07). Este processo foi vivenciado, sobretudo, através da tentativa implementada pelo Tamar de invisibilizar a população da Vila de Regência, como forma de proteger o meio ambiente do processo de urbanização e das políticas municipais, conforme constatou Rodriguez (2004:57). Neste sentido, a ascensão de Bernardo aos altares religiosos e a consagração da festa no cenário cultural do Estado do Espírito Santo foi uma forma de tornar visível, política e culturalmente, uma população cuja identidade era tributária à preservação da tartaruga marinha.

No terceiro capítulo, a descrição etnográfica dedicou-se aos principais atores e analisados foram os usos que fazem dos recursos simbólicos que sintetizam a emergente perspectiva religiosa que subsidia a construção da identidade étnica. Prova disso, é o capital simbólico acumulado por Seu Miúdo e por Dona Mariquinha oriundo da função que exercem no universo narrativo e ritual associado ao herói do naufrágio. Ela dando manutenção às atividades rituais procurando somar cada vez mais bandas de congo àquelas que homenageiam Caboclo Bernardo, ele, no entanto, dedicando-se a incrementar e dar continuidade narrativa ao sentido que o herói possui para a identidade étnica. Considerando Bernardo como um *personagem bandeira* da identidade dos *caboclos* de Regência, necessariamente devem ser considerados Mariquinha e Miúdo como quem portam os estandartes com maior visibilidade social, veiculando, desta forma, não só suas respectivas personalidades, mas a identidade dos *caboclos* associadas ao paradigma da identidade local no cenário público, dinâmica sintetizada na categoria nativa “valorização da *cultura popular*”.

Na associação metafórica da categoria “*caboclo*” com o nome próprio “Bernardo” tem, a princípio, dois pensamentos “atuando em conjunto que ‘engendram’ o pensamento em sua co-atividade” (Turner, 2006:07). Por um lado, o nome próprio Bernardo informa sobre um personagem histórico, morador da vila, que com suas atribuições físicas e morais tornou-se um “*grande herói nacional*”. Por outro, na categoria nativa *caboclo* está contida parte do conteúdo da identidade étnica da população, associada à noção de um “morador de um determinado lugar”, neste caso, da Vila de Regência. Na relação metafórica entre as categorias “*caboclo*” e “Bernardo” está contida “símbolos multivocais, sistemas semânticos completos que trazem consigo uma série de idéias, imagens, sentimentos, valores e estereótipos. Os componentes de um sistema entram numa relação dinâmica com os componentes do outro” (Turner, 2006:07) permitindo um trânsito de atribuições e funções. Isso significa que a multiplicidade das versões de Caboclo Bernardo contribuem de forma efetiva com a consagração do herói nos altares, fornecendo contornos religiosos à identidade étnica dos *caboclos*.

A categoria étnica *caboclo* ao tornar-se parte integrante do nome próprio de Bernardo, conforme constatado nas narrativas, institui o herói como paradigma central da construção da identidade étnico-religiosa dos *caboclos* de Regência. Neste sentido, esta combinação passa a conter um modelo objetivado para os comportamentos futuros das novas gerações dos *caboclos* de Regência, parafraseando Turner (2006:73).

Em “Nova Luz Sobre a Antropologia”, Clifford Geertz aponta para o aviltado uso da categoria identidade para discutir fenômenos sociais contemporâneos. Categorizações como “busca da identidade”, “política da identidade”, “crises de identidade”, “perda de identidade”, “construção da identidade”, etc., passaram ser parte dos debates sociológicos e antropológicos na contemporaneidade. Justifica-se este uso, segundo ele, porque “alguma coisa, alguma coisa muito geral, está acontecendo com a maneira que as pessoas pensam em que são, em que são os outros, e em como querem ser retratadas, denominadas, compreendidas e situadas pelo mundo em geral” (Geertz, 2001:156).

Concluo afirmando que o processo de construção da identidade dos *caboclos* de Regência Augusta acontece umbilicalmente atrelado à incipiente consagração do herói Caboclo Bernardo aos altares religiosos, o que coloca o herói do naufrágio em relativa paridade com os santos padroeiros na devoção das populações relacionadas ao movimento das bandas de

congo do Estado do Espírito Santo. Caboclo Bernardo, neste sentido, constitui-se como o paradigma central da identidade étnico-religiosa da vila, orientando não só os comportamentos, mas também as formas de auto-percepção e as formas que desejam serem percebidos os *caboclos* da vila.

BIBLIOGRAFIA

- ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. **Interações E Representações Em Relação A Apropriação Social Dos Recursos Naturais**. Digital Library of the Commons, <http://dlc.dlib.indiana.edu> , 2002.
- ALVES NUNES, André Gustavo. **Os Argonautas Do Mangue**. Precedido por SAMAIN, Etienne. Balinese Character (re)visitado. Campinas: ed. UNICAMP, 2004.
- AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à Brasileira: Sentidos do festejar no país que não é sério**. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo: USP, 1998.
- ANDRADE, Rosane de. **Fotografia E Antropologia: Olhares Dentro E Fora**. Rio de Janeiro: Ed. Estação Liberdade, 2002.
- Arquivo Público Nacional – RJ. **Ordens Honoríficas**. Ministério do Império. Códice 784 v. 2, doc. 150 n° 249. Rio de Janeiro, 1887.
- ATTANÉ, Anne e LANGEWIESCHE, Katrin. *Reflexões Metodológicas Sobre Os Usos Da Fotografia Na Antropologia*. Em: **Cadernos de Antropologia e Imagem – N° 21**. Rio de Janeiro: Contra Capa/UERJ, 2005. p.133-152.
- AZZAN JUNIOR, Celso. **Antropologia E Interpretação: Explicação E Compreensão Nas Antropologias De Lévi-Strauss E Geertz**. Campinas: ed. UNICAMP, 1993.
- BAHIENSE, Nobertino. **O Caboclo Bernardo E O Naufrágio Do Imperial Marinheiro**. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico Do Espírito Santo, 1948.
- _____. **O Caboclo Bernardo: O Naufrágio Do Imperial Marinheiro E Outros – Rio Doce**. Segunda edição, revista e consideravelmente aumentada. Rio de Janeiro: Gráfica O Cruzeiro, 1971.
- BARTH, Fredrik. *Etnicidade E O Conceito De Cultura*. EM: **Revista Antropolítica: Revista Contemporânea De Antropologia E Ciência Política**. Número 19. Niterói: 2001. pp. 15-30

_____. **O Guru, O Iniciador E Outras Variações Antropológicas.** Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa, 2000.

BENEDETTI, Luis R. **Os Santos Nômades E O Deus Estabelecido.** São Paulo: Paulinas, 1984.

BERGER, Peter. **A Construção Social Da Realidade.** Floriano de Sousa Fernandes. 23ª edição. São Paulo: ed. Paulus, 2003a.

_____. **O Dossel Sagrado: Elementos Para Uma Teoria Sociológica Da Religião.** José Carlos Barcelos. 4ª edição. São Paulo: ed. Paulus, 2003b.

BIARD, Auguste François. **Dois Anos No Brasil.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

_____. **Deux Années Au Brésil.** Paris : Hachette, 1862.

BLOCH, Marc. **Apologia Da História.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia Das Trocas Simbólicas.** 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Produção Da Crença: Contribuição Para Uma Economia Dos Bens Simbólicos.** São Paulo: Ed. Zouk, 2002.

BOYER, Véronique. *O Pajé E O Caboclo: De Homem A Entidade.* Em: Revista Mana, volume 5 número 1. Rio de Janeiro: ed. Contra Capa, 1999, pp. 29-56.

BRAGA, Rubem. *Reminiscências.* Em: RIEDEL, Diaulas (org). **A Cidade, O Mar E As Serras: Espírito Santo, Rio De Janeiro E Distrito Federal.** Coleção Histórias e Paisagens no Brasil. São Paulo: ed. Cultrix, 1959.

BRANDÃO, Patrícia. **Festa Do Rosário: Iconografia E Poética De Um Rito**. Niterói: EdUFF, 2003.

BURKE, Peter. **Cultura Popular Na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. (Org.). **A Escrita Da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia Do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global Editora, 2002.

_____. **Dicionário Do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global Editora, 2001.

CASTRO, Hiléia Araújo de. **Caboclo Bernardo Na História Do Espírito Santo: A Superação De Um Mito**. Vitória, ES: ed. da Secretaria Estadual de Cultura, 2000.

CAVALCANTI, M. L. V. de Castro; Lins e Barros, Myriam; Araújo, Silvana; Mello e Souza, Marina & Vilhena, Luis Rodolfo. *Os estudos de folclore no Brasil*. Em: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular: **Folclore E Cultura Popular: As Várias Faces De Um Debate** (Série "Encontros e Estudos"). Rio de Janeiro: Funarte/CNFCP, 1992. pp. 101-112.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: Antropologia E Literatura No Século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

_____. *Identidad En Mashpee*. Em: CLIFFORD, James. **Dilemas de la Cultura**. Antropología, literatura y diálogo en etnografía, Ed. Gedisa, Barcelona, 1991.

Diário Oficial, **Despachos do Presidente - Nº11**. 17 de fevereiro de 2006. www.seculodiario.com.br/arquivo/2006/fevereiro/20/noticiario/meio_ambiente/diario.doc (acessado dia 12/03/2006).

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: O Sistema De Castas E Suas Implicações**. Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: EdUSP, 1992.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas Do Imaginário**. Hélder Godinho. São Paulo: ed. Martins Fontes, 2002. 551 p.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares Da Vida Religiosa**. Paulo Neves. São Paulo: ed Martins Fontes, 2003).

FERNANDES, Florestan. **O Folclore Em Questão**. São Paulo: Hucitec, 1978.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando O Sincretismo**. São Paulo: Edusp, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2000.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Brasil Afro-Brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

FUKS, Mario. **Conflitos Ambientais No Rio De Janeiro: Ação E Debate Nas Arenas Públicas**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

GADZEKPO, John Rez Amuzu. *Entre o cordel e o pau Brasil: uma metáfora diacrossincronica do Brasil*. **Revista Mal Estar E Subjetividade**. Março ano/vol. IV, número 1, Universidade de Fortaleza, pp. 171-206.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação Das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

_____. **Nova Luz Sobre A Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O Saber Local**. Petrópolis: Ed.Vozes, Petrópolis. 1997.

_____. **Obras E Vidas: O Antropólogo Como Autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GIRARDET, Raoul. *Para Uma Introdução Ao Imaginário Político*. Em: **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUTILLA, R. W. **A Casa Do Santo & O Santo Da Casa: Um Estudo Sobre A Devoção A São Judas Tadeu, Do Jabaquara**. São Paulo: Landy Editora, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Traduzido por Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vórtice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HOBSBAWN, Eric e T. Ranger. **A Invenção Das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo Demográfico 2000. http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm, acessado dia 03/08/2006.

KIM, J.H. *A Fotografia Como Projeto De Memória*. **Cadernos de Antropologia e Imagem** Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 227-247, 2003.

MACEDO, Elpídio Ângelo. **CD “Miúdo em Regência”**. Vitória: Fundação Pró-Tamar, Secretaria Estadual de Cultura – ES, 2003.

MADEIRA, Angélica. **O Livro Dos Naufrágios**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

MAIA DA COSTA, Heloise Helena Lopes. **A Regulação Da Indústria Do Gás Natural No Brasil: Fatos E Desafios**. Dissertação de Mestrado em Economia da Indústria e da Tecnologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003 (Mimeo).

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova guiné melanésia*. Em: **Coleção Os Pensadores**, 2ª edição. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978.

DAMATTA, Roberto. **A Casa & A Rua: Espaço, Cidadania, Mulher E Morte No Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

-
- _____. **Carnavais, Malandros E Heróis: Para Uma Sociologia Do Dilema Brasileiro**. Rio de Janeiro: ed. Rocco, 1987.
- MAUÉS, R. Heraldo . *Um Aspecto Da Diversidade Cultural Do Caboclo Amazônico: A Religião*. Em: VIEIRA, I. C. G.; Silva, J. M. C. da; Oren, D. C.; D'Incao, M. A.. (Org.). **Diversidade Biológica e Cultural da Amazônia**. 1 ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goedi, 2001, v. 1, p. 253-272.
- MAUSS, Marcel. (2001). **Ensaio De Sociologia**. 2ª edição. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- MEDEIROS, Rogério. **Caboclo Bernardo: Um Botocudo Na Corte**. Século Diário Reportagens Especiais, 2001. <http://www.seculodiario.com.br> (acessado dia 09/11/2005).
- MELLO, Marco Antonio da Silva & VOGEL, Arno. **Gente Das Areias: Historia, Meio Ambiente E Sociedade No Litoral Brasileiro, Marica – RJ, 1975-1995**. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2004. 419p.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **Ensaio Em Antropologia Histórica**. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 1999.
- OSÓRIO, Carla, BRAVIM, Adriana & SANTANNA, Leonor de Araújo. **Negros Do Espírito Santo**. São Paulo: ed. Escrituras, 1999.
- PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **Verbete Krenak**. Instituto Socioambiental. Enciclopédia dos povos indígenas. <http://www.socioambiental.org>
- POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. **Teorias Da Etnicidade. Seguido De Grupos Étnicos E Suas Fronteiras De Fredrick Barth**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- PRANDI, Reginaldo (org). **Encantaria Brasileira: O Livro Dos Mestres, Caboclos E Encantados**. Rio de Janeiro: ed. Pallas, 2001.

PRANDI, Reginaldo. **A Dança Dos Caboclos Uma Síntese Do Brasil Segundo Os Terreiros Afro-Brasileiros**. Texto digital, acessado dia 13/06/2007, disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/dancacab.rtf>>.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. *Parentesco por Brincadeira*. Em: **Estrutura E Função Na Sociedade Primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

REIS, Regina Lúcia Paiva Rabello. **Caboclo Bernardo: História E Cultura Na Barra Do Rio Doce**. Linhares: ed. Unilinhares, 2003.

RENOLDI, Brígida. “La Etnografía: Comprensión, Texto Y Representación”, Revista Digital del Departamento de Antropología Social de la Universidad Nacional de Misiones *Antrópicas* Nº4, , <http://antropologia.unam.edu.ar/antrópicas>, diciembre de 2002 - enero de 2003.

RODRIGUES, Célia Jaqueline SANS. **Tartarugas Marinhas E Sua Proteção: Encontros E Desencontros Entre A População De Regência E O Projeto Tamar**. Dissertação de mestrado. UENF, 2002. (mimeo).

ROCHA, Levy. **VIAGEM DE DOM PEDRO II AO ESPÍRITO SANTO - RIO DE JANEIRO**. Brasília: Revista Continente Editorial, 1980.

ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato (org). **Religião, Identidade E Território**. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 2000.

_____. **Espaço E Religião: Uma Abordagem Geográfica**. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 1996.

SAHLINS, Marshall. O “Pessimismo Sentimental” E A Experiência Etnográfica: Por Que A Cultura Não É Um “Objeto” Em Via De Extinção (Parte II). **Revista Mana**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 1997. (p.41-73).

SAINT-HILAIRE, August de. **Viagem Ao Espírito Santo E Ao Rio Doce**. São Paulo: ed. USP, 1974.

- SALLES, Ricardo Sá. **Assim Caminha Regência**. Documentário 55'. DOC-TV II – Programa de Fomento à Produção e Teledifusão do Documentário Brasileiro. TV Cultura, Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura e a Associação Brasileira de Emissoras Públicas, Educativas e Culturais, 2005.
- SANTOS, Nilson. **Seringueiros Da Amazônia: Sobreviventes Da Fartura**. Tese (doutorado em geografia humana). São Paulo: USP, 2002. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-07052002-130429/publico/tese04b.pdf>
- SHIRLEY, Robert W. **O Fim De Uma Tradição Cultura E Desenvolvimento No Município De Cunha**. S.Paulo, Perspectiva, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977. 325 p.
- SILVA, Sandro José da. **Tempo E Espaço Entre Os Tupiniquim**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Campinas, SP: UNICAMP, 2000 (Mimeo).
- SILVA, Sérgio Salustiano da. **Identidades culturais na pós-modernidade: Um estudo da cultura de massa através do grupo Casaca**. Monografia de graduação apresentada a Faculdades Integradas São Pedro – Faesa. Vitória/ES (sem data). Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/silva-sergio-salustiano-identidades-culturais.pdf>.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **O Antropólogo E Sua Magia: Trabalho De Campo E Texto Etnográfico Nas Pesquisas Antropológicas Sobre As Religiões Afro-Brasileiras**. São Paulo, Edusp, 2000.
- SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Ed. Ártica, 1983.
- SOUZA, Marina Mello e Sousa. **Reis Negros No Brasil Escravista: História Da Festa De Coroação De Rei Congo**. Belo Horizonte: ed. UFMG & Humanitas, 2002.
- SOUZA, Sandra Duarte de. **Gênero e religião no Brasil. Ensaio Feministas**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SUASSUNA, DULCE Maria Figueira de Almeida. *Entre A Dominação Racional-Legal E O Carisma: O Projeto Tamar E Sua Intervenção Em Comunidades Pesqueiras Do Litoral Brasileiro*. Em: **Sociedade e Estado, Brasília**. Volume 20, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.

TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia Da Religião**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TURNER, Victor. **Dramas, Campos E Metáforas: Ação Simbólica Na Sociedade Humana**. Tradução de Fabiano Moraes. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006. 242 p. (no prelo).

_____. **Floresta De Símbolos: Aspectos Do Ritual Ndembu**. Rio de Janeiro: EdUFF, 2005.

_____. **Les Tambours D' Affliction; Analyse Des Rituals Chez Les Ndembu De Zambie**. Paris: Éditions Gallimard, 1972.

_____. **O Processo Ritual: Estrutura E Antiestrutura**. São Paulo: ed. Vozes, 1974. 248 p.

_____. *Social Dramas And Stories About Them*. In: **From Ritual To Theatre. The Human Seriousness Of Play**. New York: PAJ Publications, 1982.

VAN GENNEP, Arnold, **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: ed. Vozes, 1978.

VÁRIOS Autores. **PLANO de Desenvolvimento Integrado e Sustentável para as Comunidades do Entorno da Reserva Biológica de Comboios/ Fundação Centro Brasileiro de Proteção e Pesquisa das Tartarugas Marinhas**; (parceiros): IBAMA, Reserva Biológica de Comboios; Associação dos Moradores de Regência; Associação de Moradores e Amigos de Povoação; Associação de Pescadores de Regência; Prefeitura Municipal de Linhares; Associação Indígena Tupiniquins de Comboios e Fundação Nacional do Índio. Regência 2002, 57 p.

VEIGA, Felipe Berocan & VALIM, Hauley Silva. *Um Outro Espírito Santo: O Herói Da Restinga E Seus Enredos, Sentidos E Ritos*. Em: **Anais de Congressos: Primeiro Encontro Internacional da Asociación Latinoamericana de Antropología**. Ciudad de Rosario, Provincia de Santa Fé, Argentina. 15 a 19 de julho de 2005.

VEIGA, Felipe Berocan (Coord.). **Estudo Das Terras Indígenas Do Espírito Santo**. PETROBRAS/ BIODINÂMICA, 2004. 206 p. Relatório. (Mimeo).

VERNAT, Jean Pierre. **Entre Mito E Política**. Cristina Murachco. São Paulo: ed. EDUSP, 2001.

VIGEVANI, Tullo. **Os Novos Paradoxos Latino-Americanos**. Revista Política Externa. Vol. 14 nº 4. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A Inconstância Da Alma Selvagem – E Outros Ensaios De Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

ZUNTI, Maria Lúcia Grossi. **Panorama Histórico de Linhares**. Prefeitura Municipal de Linhares, 1982.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O Nativo Relativo**. Revista Mana. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2002, pp.113-148.

VOGEL, Arno & MELLO, Marco Antonio da Silva; BARROS, José Flávio Pessoa de. **Galinha D'Angola - Iniciação E Identidade Na Cultura Afro-Brasileira**. Rio de Janeiro: ed. Pallas, 2004.

WEBER, Max. **Economia E Sociedade**. Volume 2. Brasília: UnB, 1999.

SÍTIOS ELETRÔNICOS

Site sobre a Vila de Regência
<http://www.regencia.org.br/>, acessado dia 25/07/2007.

Site do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
<http://www.mma.gov.br/port/sbf/fauna/fam7d1.html>, acessado dia 27/09/2006.

Site oficial do Projeto Tamar
www.tamar.org.br, acessado dia 19/05/2006.

Site Cultura Viva
<http://www.premioculturaviva.org.br> acessado no dia 13/09/2007.

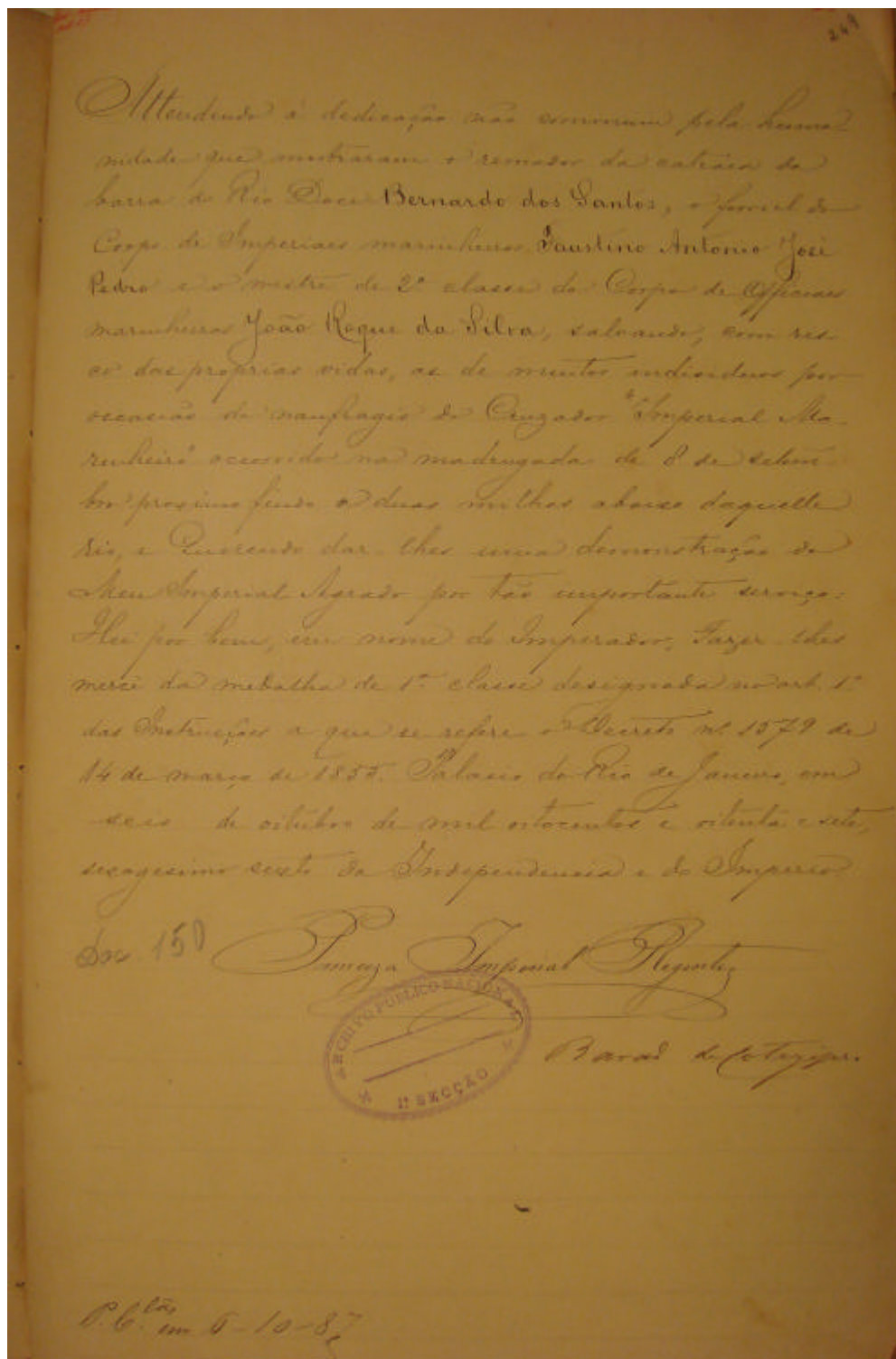
Site Congressos Cidades
<http://www.congressocidades.com.br/imprensa/informacoes.asp#palestras> (acessado no dia 13/06/2006).

Site da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/dancacab.htm> acessado dia 30/07/2007.

Site da Prefeitura Municipal de Vitória
<http://www.vitoria.es.gov.br/secretarias/cultura/perfil2002.htm>, acessado dia em 10/2006.

Site Oficial da Banda Triagem.
<http://www.bandatriagem.com.br/>

ANEXO A



Princesa Isabel assina a Ordem Honorífica em homenagem a Bernardo José dos Santos, o Caboclo Bernardo. Arquivo Público Nacional – RJ. Ministério do Império. Códice 784 v. 2, doc. 150 nº 249. Rio de Janeiro, 1887.